

Corpo feminino em Adélia Prado: podemos vinte orgasmos!

Wesley Adriano Martins Dourado¹

Resumo: Trata-se de refletir sobre o modo como o corpo feminino é tratado na obra de Adélia Prado, de modo a identificar como suas prosas e versos colaboram para problematizar a desigualdade de gênero, bem como, para romper com o imaginário machista resistente na escola, na igreja, na família, no cotidiano da vida.

Palavras Chave: corpo próprio, Adélia Prado, feminino, feminismo, cotidiano.

Abstract: This article is on the way the female body is approached in Adélia Prado's work, in order to identify how her prose and verses collaborate to problematize gender inequality. And how it helps to break sexist imagery that seems to resist at school, in the church, in the family, in everyday life.

Keywords: own body, Adélia Prado, feminine, feminism, everyday life

A mulher cotidiana

A leitura da obra de Adélia Prado revelará, imediatamente, o lugar da sua inspiração: o cotidiano. É nele que ela encontra os temas, problemas, perguntas apresentados na forma de poesia e prosa. Note-se, desde já, que a poeta não faz do cotidiano² um tema. É o seu envolvimento com a vida ordinária que alimenta a sua construção poética.

Disto resulta indicar, desde o início, que a presença da mulher, na poesia e prosa de Adélia Prado faz reverência, de algum modo, à vivência das mulheres, a partir do cotidiano vivido pela própria poeta ou do cotidiano partilhado nas experiências das muitas mulheres com quem se viveu ou das quais se teve notícia.

Que não se veja nisso a indicação de que a obra de Adélia Prado não tenha lugar para a mulher imaginada, a mulher do “vir a ser”. Ela está presente em suas poesias e prosas, tão envolvidas numa narrativa do cotidiano que nem se percebe que, em muitos lugares deste nosso país, aquela mulher é uma impossibilidade objetiva - como é o caso da mulher casada, que amava também um outro homem e ainda encontra o acolhimento do padre quando a este confessa o seu existir - ou algo que se

¹ Doutor em Educação pela Umesp. Docente de filosofia na rede municipal de São Caetano do Sul, nomeado para a função de gestor escolar. Docente da Universidade São Francisco e membro do Cemoroc-Feusp.

² Adélia Prado, em sua última participação no programa Roda Viva, indica duas coisas a respeito de sua obra. A **primeira** é que o “cotidiano” virou um carimbo a respeito de sua obra, mas ao dizer isso não quer se assumir como a poeta do cotidiano ou reivindicar a maternidade de um estilo poético que se volta para o cotidiano, embora Affonso Romano tenha visto nisto a singularidade e a virtude da obra de Adélia Prado. Atribuiu-se a sua obra tal caracterização. Disto resulta no **segundo** elemento: não há outro lugar a partir do qual se faz poesia a não ser o cotidiano. Nesta entrevista a poeta indica que também a filosofia e a teologia se debruçam sobre o cotidiano. A entrevista está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6E2afhdOogI>. Último acesso: agosto de 2019.

dá na clandestinidade ou, ainda, numa luta diária que defende a liberdade de ser de outros modos.

No livro “Os componentes da banda” este modo de ser mulher livre para os amores, impedido, negado habitualmente no cotidiano, de algum modo está posto quando escreve:

Beta suspirava por Ramon, por isso não me perdoava. Mais oito dias fiquei naquela doçura de inferno, papai me dando fortificantes e eu só beliscando na comida, ou repetindo três vezes o prato cheio, por causa de Ramon. Pulchra falou, sem malícia de Beta: ‘o homem se apaixonou por você, Violeta.’ Vê lá, eu disse sem trair-me. ‘Apaixonou sim, a Paula disse, mas avisou pra ele que você é muito católica e nunquinhas que vai largar o marido por conta dele, mas ele não quer saber. Eh, Violeta, todo mundo doido com o homem e você pesca ele na moleza.’ Pulchra estava muito orgulhosa, era muito criança. Não sei dizer exatamente como a inocência de Pulchra me fez tomar ali mesmo a decisão de voltar pra Lísias. Desenhei muito naqueles dias e sempre peixes, peixes ruivos, como se de dentro deles saísse uma luz. Peixes, peixes. A sofreguidão da conversa de Pulchra não me saía do ouvido: ‘a Paula disse que no bar ele subiu na cadeira e ficou gritando: Violeta, Violeta, ah, minha paixão!’ Não fosse padre Longuinhos não teria suportado a morte de Lísias com aquele segredo no coração: - Com que então você desenha peixes? Como é mesmo o nome dele? - Eu dizia Ramon. - Como? - Ramon. Como é mesmo? - Ramon, Ramon eu falava e o padre Longuinhos gargalhava. Me sentia ridícula e má. Rafael crescendo na minha barriga, Lísias trabalhando pra me sustentar e eu às duas horas da tarde conversando em Ramon com o padre Longuinhos: ‘não se poupe de nenhuma fantasia, está ouvindo? Nenhuma, pode pensar no seu - como é mesmo o nome dele? -, pois é, pode pensar no seu Ramonzito. Olha o céu, filha, sol, estrela, lua, o que arde e brilha é puro amor. Amor é bom? Eu dizia, é sim, padre Longuinhos. - E o que é bom vem de onde? - De Deus. - Então ame. - Porque dormir junto não pode? Nunca pensei em deixar Lísias, em dormir junto com ninguém, nem com Ramon, meu poderoso instinto me guiava, mas aquele era o jeito humano de perguntar as coisas. - Porque esfacela - respondeu tranquilo - porque quebra, porque fragmenta, Violeta. Ou você não gosta mais do Lísias? - Gosto. - Então é amor a mais, tranquilizou-me: ‘não é preciso contar nada a seu marido agora. Vocês têm muito tempo.’ Posso continuar desenhando peixes? Perguntei aquilo sem nenhuma lógica e o bruxo entendeu: ‘pode, pode sim, desenhe o quanto quiser.’ Lísias nunca notou o peixe ruivo saltando de jardins, de pedras, de torneiras, do prato, de pequenos remansos, corredeiras. Dizia: ‘você é meio artista, mulher’. Não me entendia mas guardava tudo cuidadosamente numa pasta de couro. Me amava, me deixava sonhar. (1992, p. 46-47)

Assim, a descrição da mulher em sua vivência acaba por fazer aparecer, na obra de Adélia Prado, os problemas da relação homem e mulher, o enraizamento das posturas machistas no modo de ser das mulheres, mas também revela uma mulher que se dá conta da injustiça desta relação e a condena, e a combate ao reivindicar assumir

tarefas permitidas aos homens, ao criticar os papéis de homem e mulher nas tarefas da casa, para citar alguns exemplos.

No livro “Solte os cachorros” Adélia Prado escreve:

Então, eu virei pra Sua Excelência e pedi filialmente: me deixa dar catecismo, senhor meu pastor. Não, ele me disse, não. E como já era a terceira ou quarta vez que eu insistia na mesma coisa ele foi, como se diz, lapidar: não e de uma vez por todas digo por quê: não sois senhora da minha confiança. Mas como? retuquei. A minha reputação, dentro do possível ilibada, mo impede? Usava esta linguagem fora do meu natural pra ele não me interpretar errado, me julgando desrespeitosa. A messe é grande, eu dizia. Não, ele falava. Os operários, poucos, eu dizia. Não, ele falava. Fez que ia tocar de leve a mão no meu ombro, me entortando pro lado da porta de saída, querendo parecer um pai, e me despediu cheio de cortesia. Nomeou eu não, nomeou foi professor homem. (2006, p. 27)

Glória, personagem principal do livro “Cacos para um vitral”, relata como o machismo se incrusta na vida das pessoas, em tenra idade, ao mesmo tempo que indica a possibilidade de combatê-lo e a alegria de vencê-lo.

Todo domingo, na folga da Jucineide, Glória, Maria e Ritinha sofriam o peso da cozinha e da casa enquanto Gabriel e os meninos continuavam “sendo homens”. Culpa minha, pensou Glória, que não consegui educá-los bem. Odiava nos serviços domésticos a excomunhão automática dos machos, o privilégio. As mulheres eram injustiçadas. Por isso enraivecida-se, bruta megera: Francisco, queime os papéis do banheiro. “Mãe, pelo amor de Deus, pode falar todas as palavras certinhas, mas não fala ‘papéis’ não.” O menino obedecia com raiva, a tromba virada, humilhado por fazer “serviço de menina”. Um dia Glória surpreendeu-se enormemente. Ele levantou cedo, arrumou a cozinha da véspera, forrou a mesa, fez o café, bebeu e foi para a escola. Milagre dos milagres, Francisco machinho machista, sem que ninguém mandasse, lavou pratos feito um homem que não deve explicações a ninguém. Glória se sentiu como um cavalo cansado ganhando um torrão de açúcar e dançou na cozinha. (PRADO, 1991, p. 34)

Com isto queremos indicar que a mulher, tal como aparece na obra de Adélia Prado, é imaginada, dita, compreendida à partir do cotidiano da própria poeta e dos cotidianos que ela partilha com as mulheres do mundo. Descrição de mulheres reais ou versos sobre mulheres possíveis, seja como for, é desde o cotidiano que a poeta diz, em prosa e verso, sobre as mulheres.

Assim, as diferentes mulheres na obra da poeta parecem resultar da tensão entre o modo como a vivência delas é percebida e, ao mesmo tempo, os modos possíveis e desejados de ser mulher no mesmo cotidiano.

A superação dessa tensão não é algo que diga respeito à mulher, tão somente. Como mostraremos, mais adiante, a mudança no modo de ser mulher implica numa transformação do modo mesmo como a vida se organiza e, em particular, uma

mudança na maneira de ser homem a ponto de não temerem dar explicações por se ocuparem do serviço da casa.

O feminino como resistência.

Na prosa 1, do livro “Solte os cachorros”, Adélia Prado deixa ver o seu modo de compreender o feminino e indicar as desigualdades nas relações entre homem e mulher. Escreve: “A mulher de Dom Pedro sofreu humilhação e não teve importância? Então o imperador do Brasil pula muros e as coisas continuam do mesmo jeito?” (2006, p. 08)

Nesta mesma prosa Adélia Prado apresenta uma compreensão da mulher que, numa primeira visada, parece não escapar ao estereótipo da mulher ocupada com a beleza e desejosa de ter filhos. A leitura tem indicações de que algo mais profundo alimenta a imaginação de outros modos de ser mulher. A **primeira** é a afirmação “emancipada eu não quero ser” (p. 10) sugerindo que a mulher não está aguardando que alguém lhe conceda a independência, a deixe livre de tutela, a liberte ou a autorize a ir e viver. Ela quer ser o que ela quer ser: “amada, feminina, de lindas mãos e boca de fruta, quero um vestido longo, um vestido branco de rendas e um cabelo macio (...)” (p. 10). Dirão que este querer ser é o mesmo lugar ou jeito de ser admitido à mulheres. Mas a prosa, anteriormente, afirma um outro “querer” que é a **segunda** indicação de que esta mulher não está refém dos estereótipos: “Eu quero é o seio de Deus, quero encontrar Abraão e me insinuar junto dele, até ele perder o juízo e me fazer um filho que terá muitas terras e ovelhas” (p. 10). A mulher se apresenta como sujeito do seu querer e ousa querer o que pode se apresentar como absurdo: seduzir Abraão e com ele fazer filhos.

A **terceira** indicação de que não se trata da mulher “habitual” é o que na lista do seu querer está: ter “(...) quatro amantes: um músico, um padre, um lavrador e um marido” (p. 10). Isto é mais do que dizer que a mulher, aqui, se apresenta como dona da sua sexualidade: ela é dona de si e por isto encaminha o seu afeto e desejo a quatro homens, por isto afirma “quero comer o mundo e ficar grávida” (p. 10). Usando os elementos que habitualmente “condenam” a mulher a um jeito de ser que não lhe é próprio, Adélia Prado, deixa ver a sexualidade, o desejo do masculino, o desejo de engravidar como elementos que dizem algo sobre uma mulher que não foi libertada, mas que é dona do seu querer e tem o mundo como seu horizonte de ser. Assim, ao estilo fenomenológico de compreensão do corpo próprio como um absoluto³, lugar onde o sentido se desenvolve e toma forma de existência, o modo de ser da mulher decorre do sentido que ela mesma atribuiu ao que viveu, do modo como ela apreende aquilo que lhe afeta. E as mulheres de Adélia, mesmo cercadas de machismo e desigualdade, não temem dizer dos seus desejos e vivê-los, de denunciar as desigualdades nas relações cotidianas com os homens e as instituições, tais como a igreja, e até mesmo de desafiar-las.

Seguramente, se poderá dizer que esta não é a possibilidade concreta do modo de ser das mulheres, mas não se poderá negar que na obra de Adélia Prado há um exercício de imaginação de outros modos de conceber o feminino.

Como já se indicou anteriormente, a objetividade da condição da mulher não está ignorada no exercício de imaginar outros modos de ser mulher. É deste cotidiano,

³ Cf. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 03 - 04.

que nega à mulher a tarefa do catecismo, como narra na prosa 8, já citada, que reflexão da poeta se levanta para denunciar:

Vá se queixar ao bispo, eu sei bem o que é. Ser mulher ainda dificulta muito as coisas. Muita gente boa ainda pensa, em pleno século quase vinte e um, que mulher é só seu oco. Fosse só assim, a gente não tinha coração nem cabeça, precisava nem ser batizada. Mas digo que tem e igualzinha à dos homens: boa e ruim. (p. 27)

A denúncia também se verifica na prosa 25 quando mostra que no cotidiano, na religião, na política, no governo público, nas diferentes áreas de atuação profissional prevalece o masculino. Escreve a poeta:

Machismo existe, tá aí sorrateiro, enfiado por tudo quanto é canto. Se você quiser pode fazer aqui um comentário obsceno. Que faça. Quero é desabafar. Tou cheia de aguentar o papa, o presidente da República, o ministro, o prefeito, o magnífico reitor, o açougueiro, o padeiro, o padre, o meu pai, o meu avô, o meu irmão, o meu filho, o pai do meu filho, o anjo Gabriel, Satanás, tudo homem. Zuzu barbeiro dizia: minha sogra é mulher, minha mulher é mulher, minha filha mulher é mulher. Na casa dele só tinha ele de homem. Mas Zuzu era muito engraçado, falava pra gente rir. Eu falo sério e falo com crédito porque desde pequenininha que eu gosto de homem. Nunca achei graça em brinquedo só de menina, não vou em chá de amizade, clube onde homem não entra. Penso que estou certa porque no livro da Bíblia, logo na primeira página, está escrito: “Deus fez o homem e o fez macho e fêmea” e isto quer dizer que somos iguaizinhos no valor. A boa diferença é só pra obrigação e amenidades. E olha, num tempo de escravidão como era aquele, tinha que ser muito inspirado mesmo pra escrever uma coisa bacana dessas. Quase dois mil anos, e muita gente por aí não entendeu. Porém concordo: tem que ser muito homem pra entender. Por falar em homem, tem algum por aí? (2006, p. 82)

Além de indicar a presença e predomínio do homem nos diferentes âmbitos da vida, dois elementos merecem destaque. O **primeiro** é que a denúncia do machismo não resulta na recusa do masculino, mas em desafiá-lo a entender, corajosamente, a condição de igualdade dos humanos homens e mulheres. Na prosa afirma gostar de homem desde pequenina e não apreciar festa onde não há homem. Esta mesma perspectiva aparece na prosa seguinte, a 26, quando Adélia Prado escreve:

Tenho tanta vergonha de ser feminista, só por causa dos homens é que eu sou, porque gosto deles demais. Homem é tão fraquinho, às vezes ser tão forte me cansa, em enfara e eu brinco assim: na outra encarnação quero vir homem. É brincadeira mesmo (...) (p. 86).

É porque gosta dos homens que se posta como feminista. É o mesmo sentido de libertação presente na obra de Paulo Freire, especialmente, na “Pedagogia do Oprimido”, quando defende que a libertação do oprimido não é uma inversão de papéis com o opressor, mas o vencimento das situações que favorecem a opressão de

modo que a libertação do oprimido seja também a libertação do opressor⁴. De igual modo, a luta feminista, tal como sugerida na prosa, deseja a transformação do masculino, a sua libertação. A luta feminista pela justiça, pelo respeito à mulher nas diferentes dimensões da vida em sociedade colabora para a libertação do homem, exige deste o desenho de outros modos de ser.

O **segundo** elemento que merece destaque, na prosa 25, acima mencionada, é a opção da poeta por aquela narrativa da criação do homem e da mulher, anotada no texto bíblico, que sugere a simultaneidade da criação do homem e da mulher⁵. Embora exista uma narrativa que afirma a anterioridade do masculino⁶, Adélia Prado se refere ao relato da criação do ser humano onde não há distância temporal no ato criativo divino.

Não bastasse isso, a afirmação da poeta “somos iguaizinhos no valor” possui convergência com a palavra hebraica “knéguedo” cujo sentido indica a compreensão de que a mulher é parceira cara a cara, contrária, diferente, que está frente à frente. Esta palavra é habitualmente traduzida como auxiliar, ou auxiliadora ou, ainda, companheira, o que não expressa este sentido de um ser que possui a mesma força, que faz frente ao masculino, embora diferente.

Nota-se, portanto, que a prosa reúne elementos que indicam a postura de resistência a um modo de ser que transformou as diferenças entre homem e mulher - que para a poeta é só pra obrigação e amenidades - em desigualdades, em submissão e em violência de gênero.

O corpo feminino.

Na obra de Adélia Prado o corpo é o palco da manifestação do divino⁷, é a possibilidade da experiência de sentir o tempo na forma do envelhecimento, bem como, entre outros aspectos, é o lugar das delícias do prazer e da sexualidade como um experiência humana que requer a presença do outro. No poema “Trottoir” (1986) a poeta descreve um rei que se despe de sua pompa, de sua atmosfera de poder para ter perto de si os olhos castanhos de quem deseja a proximidade.

⁴ “A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar a sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.” (Cf. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 30)

⁵ Cf. Gênesis 1:26-27: “26. Então Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra”. 27. Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher.” Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/1/>. Último acesso: 21 de agosto de 2019.

⁶ Cf. Gênesis 2:7, 18, 21-25: “7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente. 18. O Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou dar-lhe uma auxiliar que lhe seja adequada. 21. Então, o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. 22. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. 23. “Eis agora aqui – disse o homem – o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem.” 24. Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. 25. O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam.”. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/2/>. Último acesso: 21 de agosto de 2019.

⁷ Na prosa 26 a poeta escreve: “Corpo é fora de série. Veja se estou errada: eu amo a Deus em espírito é com meu corpo, porque quem levita é ele, é ele quem fica extático na montanha sagrada e recebe os estigmas e as tábuas da lei.” (2006, p. 82)

Minhas fantasias eróticas, sei agora,
eram fantasias de céu.
Eu pensava que sexo era a noite inteira
e só de manhãzinha os corpos despediam-se.
Para mim veio muito tarde
a revelação de que não somos anjos.
O rei tem um paixão – dizem à boca pequena –
regozijo-me imaginando sua voz,
sua mão desvencilhando da fronte a pesada coroa:
‘Vem cá, há muito tempo não vejo uns olhos castanhos,
tenho estado em guerras...’
O rei desataviado,
com seu sexo eriçável mas contido,
pertinaz como eu em produzir com voz,
mão e olhos quase estáticos, um vinho,
um sumo roxo, acre, meio doce,
embriaguez de um passeio entre as estrelas.
À voz apaixonada mais inclino os ouvidos,
aos pulsares, buracos negros no peito,
rápidos desmaios,
onde esta coisa pagã aparece luminescente:
com ervas de folhas redondinhas
um negro faz comida à beira do precipício.
À beira do sono, à beira do que não explico
brilha uma luz. E de afoita esperança
o salto do meu sapato no meio-feio
bate que bate. (1986, p. 15)

Esta compreensão do corpo, em particular, da sexualidade como reconhecimento da necessidade do outro, também se verifica quando a poeta escreve: “Minha carne quer outra carne” (2011, p. 44). Trata-se de uma experiência do corpo que solicita a presença do outro, que deseja “um regaço e o acalanto, a amorosa tenaz de uns dedos para um forte carinho em minha nuca” (2012, p. 21), como escreve poeta. E mais:

a parte que em mim não pensa e vai da cintura aos pés
reage em vagas excêntricas,
vagas de doce quentura,
de um vulcão que fosse ameno,
me põe inocente e ofertada,
madura pra olfato e dentes,
em carne de amor, a fruta. (1978, p. 60)

O corpo, o corpo feminino de um modo específico, não é visto como algo que deve ser negado. Nem mesmo a desconfiança da tradição religiosa⁸ ocidental sobre o corpo e a sexualidade encontra eco na obra de Adélia Prado. Numa perspectiva convergente com o pensamento de São Tomás de Aquino⁹, a poeta reconhece beleza no corpo, incluída a experiência corporal de sexualidade.

⁸ É importante destacar como o elemento religioso, em particular do cristianismo em sua versão católica, está fortemente presente na obra de Adélia Prado. Ela mesma não esconde a sua fé.

⁹ Cf. JESUS, Ana Maria Guilhermina de; OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Teologia do Prazer**. São Paulo: Paulus.

Amar sem fazer jejum. Ter licença de abrir o coração pra quem eu quiser. Abrir o coração, bem explicado: amar sem jejum de sentimento. Isto implica o esforço natural e necessário de conseguir e manter o amor: um decotezinho mais brejeiro, batom Anaconda de brilho, um puxadinho de nada a lápis crayon no cantinho dos olhos, fazer aquela cara que eu sei fazer, pondo minha alma todinha num certo modo de baixar e levantar os olhos, primeiro oblíquo, depois direto. Porque eu gosto da humanidade, em particular da representação masculina da humanidade. É muito divertido comerciar com os homens, estimulante como nenhuma outra coisa é. Eles ficam encantadores, querendo pegar a gente em falso. Isso o homem comum. Imagine os santos! Fico em estado de loucura, tentação tentada. Tem coisas que eu faço bem. Posso fazê-las mesmo? Tudo é Deus, menos o pecado. (2006, p. 51)

O corpo e a vivência da sexualidade não é um pecado, por isto, vêm de Deus, do que decorre que não se possa admitir a castração social sobre a sexualidade feminina, de modo específico, e ao seu corpo de modo geral. Ele é obra divina, diria a poeta, onde não há pecado.

O fato é que, apesar de ver o corpo deste modo, como já se indicou, o corpo feminino - denuncia a poeta - ainda é reduzido à sexualidade, ou seja, ao seu uso. A mulher é acolhida, tolerada enquanto objeto de desejo sexual, como objeto do “embelezamento” do lugar, mas quando reivindica servir a igreja de outros modos, amar mais de um homem, viver a sexualidade a seu modo, sobre ela pesam as sanções de um mundo ainda organizado à moda masculina.

Todavia, Adélia Prado reconhece no corpo feminino a força para gerar outros mundos e modos de ser. Na prosa 25, depois de dizer que é feminista por gostar dos homens, a poeta escreve:

Como eu ia dizendo, homem é fraco e mulher é forte, fortíssima. Move os dedos do pé, ele diz: meu amor. Move os lábios, ele diz: casa comigo. Move o que está fadado a mover-se, ele diz: pede o que quiseres. Se a gente for doida, pede a cabeça de João Batista numa bandeja de prata. Se for santa, não pede nada e vai transformando o mundo devagarinho, passando trator, destocando, arando, semeando. Depois haja celeiro, haja lugar pra tanta flor e fruto. Mesmo se nunca mais eu escrever um verso, como eu desejo com todas as minhas forças, eu vou morrer satisfeita. Meu corpo parece um terreno – eu, quero dizer. (2006, p. 86)

Tratando das mesmas questões (o feminismo, a sexualidade, o desejo) Adélia Prado anota, no livro “O homem da mão seca”, afirmações parecidas com a prosa acima citada:

O perigo em Maria é sua bondade, parece mais forte que Jesus, no mesmo sentido em que um homem é mais fraco que uma mulher, sempre. Eu não quero ser forte. O feminino é horrível. Salva-nos, mãe de Deus! Peguei um filme pornográfico, mas não foi com intenção de nada. Peguei porque quis. (2007, p. 75)

O que se deve destacar é que nos diferentes livros onde Adélia Prado faz o seu elogio ao corpo, como este indicado em nota ao dizer que o corpo é fora de série ou, ainda quando escreve “Meu corpo é muito satisfeito, considerado em si mesmo” (2006, p. 23), não se pode suspeitar que a referência é ao corpo masculino. O corpo, talvez, com privilégio para o corpo feminino, forte, capaz de criar mundos no seu ventre, é dito, elogiado desde a experiência de uma mulher. O corpo masculino é anunciado como destino do interesse de uma mulher que o deseja livremente.

Corpo que se vai sabendo nos afetos, nas paixões o que, uma vez mais, indica que a abertura da mulher para querer ser de outros modos, para se deixar distender em outras direções, de se deixar afetar pelas experiências que desafiam outros modo de viver, é o caminho de apropriação de si mesma, do seu corpo.

Escreve a poeta:

Descobri e contei a Pedro: o corpo é humilde, o corpo é muito humilde. Ainda escrevo uma tese que parecerá marota: de como são bons e agradáveis os gases e odores do corpo e de como todos nos deleitamos com eles sem ousar confessá-lo. Ora, o que é o corpo? Necessitarei de quantas paixões para amansar meu orgulho e me deixar ver de frente, de costas, de quatro, comendo, descomendo, sem turvar meus olhos? Para isto caminho. Alguém me ensinará. Uma paixão, uma grande paixão me tornará de tal forma que tanto se me dará ser... (1992, p. 38)

O discurso sobre o corpo na obra de Adélia Prado, é uma fala feminina sobre o corpo e que rejeita que as muitas formas de ser do corpo sejam negadas às mulheres.

A mulher pode vinte orgasmos?
De tão tolo esmero não cuido.
Quero amor, o fino amor. (1978, p. 67)

Quer o corpo da mulher amar, se deleitar em viver, por isso resiste ao que se apresenta como obstáculo para ser e viver como se quer ser.

Mas ela pode? A poeta não se ocupa em responder uma tolice desta e mostra mulheres que, mesmo envolvidas com as tramas da desigualdade, do machismo resistem ao insistir em construir o seu modo de ser mulher, feminina e feminista enquanto, os fracos homens, não se reinventam do seu modo pequeno de ser.

Você pode vinte orgasmos?

A recomendação da poeta é o desafio do nosso tempo, especialmente o da luta feminista: não se poupar de nenhuma fantasia, de nenhuma oportunidade de imaginar outros mundos, outros “êthos”, de desejar o que ainda não tem a poeira do nosso lugar. A resistência se faz quando os nossos corpos são lugares de gestar a utopia de um modo de ser onde as nossas diferenças não separem, mas sejam oportunidade de deleite, de encanto, como diz a poeta, para amenidades.

Podemos vinte orgasmos!

Referências.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRADO, Adélia. **A duração do dia**. Rio de Janeiro: Record, 2011. (2010)

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2012. (1976)

PRADO, Adélia. **Cacos para um vitral**. São Paulo: Parma editora, 1991.

PRADO, Adélia. **O coração disparado**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1978, 2a edição.

PRADO, Adélia. **Os componentes da banda**. São Paulo: Siciliano, 1992. (1984)

PRADO, Adélia. **Solte os Cachorros**. Rio de Janeiro: Record, 2006. (1979)

PRADO, Adélia. **Terra de Santa Cruz**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986 (1981)